



A quarentena que nunca acaba

Francimar Oliveira de Jesus

Estudante de Enfermagem,

Integrante do Programa de Iniciação Científica ILMD FIOCRUZ Amazônia

Como jovem leitora e amante da História, já li e ouvi muito sobre momentos históricos, porém, jamais imaginei passar por um. A pandemia do novo Coronavírus (COVID-19) modificou a vida de todo mundo, nos trancou em casa, nos afastou de quem mais amamos, nos fez adotar novos hábitos (nunca imaginei que um dia teria que dar banho em um saco de arroz), nos trouxe crises de ansiedade, aumento de peso, dentre muitos outros problemas de cunho social e psicológico.

Trabalhando em um shopping em Manaus há 5 anos, eu estava acostumada com uma multidão de pessoas todos os dias e, de repente, me vi afastada de minhas atividades. Lembro-me bem o dia em que cheguei em casa e liguei a televisão: estava passando o Jornal Nacional, e o repórter anunciava que o governo havia decretado estado de calamidade pública. No dia seguinte, o governo do Estado do Amazonas anunciaria o fechamento de todos os shoppings, bares, restaurantes e outros estabelecimentos não essenciais. Cerca de um mês depois fui desligada da empresa em que trabalhava.

As minhas manhãs tomando café com os amigos na faculdade tornaram-se vídeo-conferências, nas quais apenas a professora aparecia no vídeo para explicar o conteúdo. Não tínhamos mais as risadas, as conversas, apenas a esperança de que logo tudo isso passaria e, para a nossa surpresa, já estamos próximos do primeiro ano e ainda estamos distantes uns dos outros, ainda temos os sorrisos cobertos por máscaras, os abraços substituídos por toques de cotovelos, logo nós, um povo tão afetuoso, que gosta de abraços, beijos e apertos de mãos.

Quando via na TV a triste realidade pela qual a Itália estava passando, ficava espantada e, é como diz o velho ditado “*a gente sempre acha que nunca vai acontecer com a gente*” até que a pandemia chegou no Brasil. Em Manaus chegamos a ultrapassar o incrível número de três mil mortos (1). Apesar de ser um número assustador, infelizmente em Manaus a pandemia ainda é muito negligenciada, muitos seguem o discurso do chefe de Estado “*é só uma gripezinha*”. Outro dia recebi uma mensagem de um colega via Whatsapp (2), onde havia um texto com o seguinte relato, “*o porteiro do meu prédio foi trocar o pneu do meu carro e, o pneu estourou no rosto dele, ele foi levado para o hospital e não resistiu, no atestado de óbito estava que ele*



tinha morrido em decorrência de complicações do coronavírus” em primeiro momento eu ri de tamanho absurdo, logo depois fui pesquisar e vi que se tratava de uma fake news. Notícias como essas sem ter sua veracidade comprovada, levam as pessoas a não darem a credibilidade necessária a pandemia. O mais impressionante é que, mesmo após a triste cena de caixões em filas sendo enterrados em valas, as pessoas ainda não percebem quão importante é o distanciamento social e, com isso, seguem lotando bares, restaurantes, balneários, shoppings. Sem a menor empatia por quem perdeu alguém que ama.

Esse ano, como no anterior, eu não irei comer farofa de piracuí com linguça e açaí, lá no meu interior. Não darei um abraço em minha mãe, que já não vejo há cinco anos, não terei uma tarde de conversas com meus irmãos, não irei à praia como havia planejado no início do ano; a formatura na faculdade talvez demore um pouco mais. É interessante pensar em como de repente, tudo o que planejei já não cabe mais a mim decidir quando os tirarei do papel, por causa de um vírus.

Sinto-me privilegiada em poder resguardar-me em casa por tanto tempo e, ainda assim, ter comida na mesa, uma cama quentinha, por não ter perdido nenhum amigo, parente ou vizinho para um vírus com uma transmissibilidade tão grande. Me solidarizo aqui, com todas as famílias que perderam alguém para a pandemia, sabendo que a dor da perda é irreparável. E seguimos na esperança de que tão breve tudo isso passará e, enquanto dure isso tudo, que possamos nos reinventar e que a cada dia possamos aprender a lidar com a situação, não chamo de “novo normal” pois para mim, as coisas só terão voltado ao normal quando pararmos de perder vidas.

Enquanto isso, seguimos com nossas máscaras, álcool em gel nas mãos, mantendo o distanciamento e cuidando dos nossos e torcendo para que a vacina chegue logo. Acredito que não é momento para procurar um culpado e, sim, uma solução, para que todos possamos superar mais um triste marco na história.

Notas

(1) Em janeiro Manaus superou a marca dos três mil mortos por Covid-19. <https://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/manaus-supera-a-marca-de-3-mil-mortos-por-covid-19>

(2) Aplicativo de mensagens instantâneas para telefones celulares.